

Considerações sobre a variação da preposição *de* na aquisição do português brasileiro

Harley Toniette*

Carla Minello†

Resumo

Este trabalho observa se é possível encontrar variação na ocorrência de preposições na aquisição do português brasileiro. Para isso, lança-se mão da versão minimalista da teoria gerativa (CHOMSKY, 1995) e de um *corpus* de fala infantil composto pelas gravações de duas crianças em fase de aquisição. A variação é analisada em paralelo a dados da gramática adulta e busca encontrar indícios que possam apontar se há variação de preposições presente na derivação dos sintagmas analisados. Além disso, será discutido se o fenômeno pode ser explicado mais adequadamente pela inserção tardia da preposição (inserção pós-sintática) ou se simplesmente seus traços não são pronunciados.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, português brasileiro, preposições

Abstract

This paper investigates variations in the occurrence of prepositions in the acquisition of Brazilian Portuguese (BP). This work adopts the minimalist version of generative theory and analyzes data from a *corpus* of children's speech composed of recordings from two children acquiring BP. The variation is analyzed parallelly with the adult grammar and we try to find clues on the origins of variation in the derivation of the phrases under analysis. We will discuss whether late insertion can explain more adequately the variation of the preposition (post-syntactic insertion) or simply the preposition's phonological features are not pronounced.

Keywords: language acquisition, Brazilian Portuguese, prepositions

*Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Doutorando do Programa de Linguística, *e-mail*: harley-toniette@gmail.com.

†Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Mestranda do Programa de Linguística, *e-mail*: carlamminello@gmail.com.

1 Introdução

Este trabalho observa a manifestação de variação na ocorrência de preposições que encabeçam adjuntos internos de um DP — ver (1)-(3) adiante — em um *corpus* de fala composto por dados de produção espontânea de duas crianças (A.C. e G.) falantes do português brasileiro (PB). Variação na ocorrência de preposições significa, para este trabalho, a possibilidade de uma preposição estar ou não presente em uma determinada estrutura sintática sem prejuízo para a gramaticalidade da sentença.

Especificamente, busca-se discutir neste trabalho se a variação na ocorrência de preposições, licenciada na gramática adulta,¹ pode ser encontrada em estágios iniciais da aquisição do

¹Até então não havia um estudo detalhado sobre as variações na ocorrência de preposição nas diferentes variedades do PB. A informação de que a variação está presente nas variedades vem de dados da introspecção do autor e da consulta a falantes de diversas regiões do país. Para discussões deste tipo no PB, sugere-se consultar os trabalhos de Rocha (1993) e Kato (2008, 2012). Seguem alguns exemplos de variação na gramática adulta retirados da introspecção dos autores deste trabalho (admite-se haver possibilidades de variação dialetal na aceitabilidade dessas sentenças):

(i) Em DPs argumentais localizados à direita do verbo em orações matrizes:

a. Eu sei (de) pouca coisa da menina que você falou.

(ii) Em PPs adverbiais (temporais) à direita do verbo que marcam a duração de um evento:

a. O João bebeu suco (por) cinco minutos.

(iii) Entre o sujeito e o verbo infinitivo em sentenças encaixadas:

a. O João ensinou o Pedro (a) nadar.

(iv) Em *tough constructions* (ver Moreno, 2014):

a. O João é difícil (de) agradecer. / b. É difícil (de) agradecer o João.

(v) Em contextos de *sluicing* em orações relativas à direita do verbo:

a. Algumas pessoas ficam bêbadas mais rapidamente (do) que outras.

(vi) Em alguns adjuntos internos de PPs interrogativos/topicalizados/relativos à esquerda e à direita de orações:

a. (De) qual autor (d) aqui / (d) ali / (de) lá / (de) perto / (de) longe / (de) dentro / (de) fora / da UNICAMP (que) você vai falar amanhã?

b. Você vai falar amanhã de qual autor (d) aqui / (d) ali / (de) lá / (de) perto / (de) longe / (de) dentro / (de) fora / da UNICAMP?

vii) Em PPs de orações interrogativas:

a. (Contra) que time (que) o Corinthians joga hoje?

viii) Em DPs modificados por relativas:

a. (Sobre) a menina que você falou eu sei pouca coisa

ix) Em DPs relativizados à esquerda que trazem em sua estrutura interna uma preposição:

a. A menina (de) que você falou não veio à aula hoje.

x) Na posição de tópico em orações simples:

a. (Sobre) linguística, eu sei pouco

PB. Em caso afirmativo, quais são os contextos e tipos preposicionados envolvidos na variação.

De antemão, foram encontradas, por este trabalho, somente ocorrências de variação da preposição *de*, que se manifestam na estrutura interna de DPs em orações simples ou subordinadas à esquerda e à direita do verbo da sentença, seja nas posições de sujeito, objeto ou na periferia esquerda — ver (1)-(3) a seguir.

- (1) Argumento Interno na posição de sujeito
- a. A.C.: esse *daqui* é tomate pequenininho. (2;01)
- b. A.C.: esse aqui não é olho. (2;01)
- c. G.: isso aí é uma bo(r)boleta. (2;03)
- (2) Argumento Interno na posição de objeto
- a. G.: vou fazer com aquilo ali. (2;03)
- b. G.: eu vou botar isso *daqui*. (2;03)
- (3) Argumento Interno na “periferia esquerda”
- G.: isso *daqui* eu vou deixar aqui. (3;08)

Vale frisar que os exemplos acima apontam que a variação na ocorrência da preposição *de* não parece estar condicionada por tipos verbais específicos, uma vez que aparece ao lado de verbos como *fazer* e *ser* e com as locuções *vou botar* e *vou fazer*, nem parece estar ligada à posição sintática em que o elemento que apresenta a variação da preposição está. Como consequência disso, este trabalho apresentará, mais à frente, uma breve discussão em torno da (im)possibilidade de variação na ocorrência de preposições adjuntos adnominais modificadores de DPs.

A variação na ocorrência de preposições é um fenômeno aparentemente presente na maior parte das variedades do PB, com possíveis diferenças de licenciamento entre uma vari-

xi) Em adjuntos adnominais com os advérbios de base pronominal *ali*, *aqui* e *aí*:

- a. Esse (d)aqui eu não gosto
- b. Esse (d)aí é meu livro
- c. Aquele (d)ali é meu livro
- c. Eu não gosto desse (d)aqui
- d. Meu livro é esse (d)aí
- e. Meu livro é aquele (d)ali
- f. Esse (d)aqui (que) eu não gosto
- g. Esse (d)aí (que) é meu livro
- h. Aquele (d)ali (que) é meu livro
- i. Eu não gosto desse (d)aqui
- j. Meu livro é esse (d)aí
- k. Meu livro é aquele (d)ali

idade e outra. Um dos pontos a se investigar é se a variação da preposição causa alguma alteração de sentido evidente nas sentenças analisadas. Busca-se, a partir da observação e análise desses dados, levantar questões em torno da teoria do Caso e de como a variação na ocorrência de uma categoria pode ser capturada dentro das possibilidades de derivação de categorias na sintaxe.

Como hipótese inicial, defende-se que o licenciamento da variação na ocorrência de preposições está ligado à possibilidade de DPs serem marcados na morfologia em determinados contextos com Caso *default*, tal como defendido por Schültze (2001). Essa marcação se realiza nas estruturas internas de DPs modificados por adjuntos adnominais, dada a ausência da preposição que marcaria o Caso do DP, como apontam os dados em (4)-(13).

As próximas seções deste trabalho farão breve apresentação sobre o papel das preposições na teoria sintática, seguida de uma discussão dos dados, com um esboço de hipótese para explicar a variação. Por fim, serão tecidas algumas considerações finais.

2 Preposições e a teoria sintática

Littlefield (2004) argumenta que preposições geram problemas para sua classificação, pois ao mesmo tempo que são consideradas como uma das grandes categorias dentro dos estudos em sintaxe gerativa, ocupando um lugar entre nomes, verbos e adjetivos, categorias lexicais por excelência, podem também apresentar características que as colocam em semelhança com categorias como determinantes e flexão, categorias funcionais por excelência. Soma-se a isso o comportamento de classe fechada das preposições, tal como determinantes e flexão, ao mesmo tempo em que preposições podem ter conteúdo semântico pleno, característica de elementos lexicais, podendo inclusive atribuir papel teta em alguns contextos. Em contraste, em alguns casos excepcionais, preposições podem inclusive ser atribuidoras de Caso, contudo sem atribuir um papel teta a um elemento (como as preposições do tipo *dummy* ou atribuidoras de caso *dummy*, por exemplo). Littlefield (2004, 2006) defende, a partir de seus trabalhos em aquisição da linguagem, e outros em sintaxe e afasia citados pela autora em seus estudos, que se preposições forem tomadas como membros de uma categoria híbrida, as características de conflito encontradas não se sustentam, uma vez que não são as preposições e suas gradações contraditórias que são o problema, mas sim a ideia de se tratar preposições como uma categoria monolítica.

Para este estudo, interessa saber o que os dados de aquisição podem apresentar em relação ao processo de variação de preposições nos contextos em (1)-(3). A próxima seção trará os dados coletados no corpus e esboçará algumas análises.

3 Descrição e análise dos dados

Os dados de produção espontânea tomados para este estudo são parte do corpus do banco de dados do Centro de Aquisição e Aprendizagem de Linguagem (CEAAL/PUCRS). Tais dados compreendem duas crianças (A.C. e G.) em fase de aquisição do PB com idades compreendidas entre 1;08 (um ano e oito meses) e 3;07 (três anos e sete meses).

O trabalho de análise foi organizado em cima de uma divisão em três períodos, levando em conta a faixa etária das crianças que tiveram sua fala analisada (primeiro período de 1;08.01 até 1;12.29, segundo período até 2;01.01 até 2;12.29 e terceiro período de 3;00.01 até 3;08). Uma divisão desse tipo busca entender se há dados que possam categorizar momentos distintos de aquisição e se é possível estabelecer uma transição entre esses momentos. Os dados encontrados e analisados não foram submetidos a nenhum tipo de quantificação estatística. Sendo assim, apresenta-se, a seguir, uma análise qualitativa de produções orais de duas crianças em aquisição do PB.

3.1 Primeiro período — até 1;12.29

Os dados deste período trazem DPs modificados por adjuntos retirados da fala espontânea de A.C e G. — ver (4), com uma ocorrência de locução prepositiva como resposta dada por A.C — ver (5), além da presença do DP *esse aqui* na posição de sujeito em uma oração com verbo de cópula — ver (6). As crianças observadas já lidam com esses DPs neste período, mas sem omitir a preposição em seus adjuntos internos. Em contrapartida, dados como *esse aqui* podem ser derivados com variação da preposição *de* na gramática adulta (cf. exemplos em (xi) na nota de rodapé 1), mas os dados examinados não exibem uma possível variação na ocorrência de preposição na gramática infantil nesta faixa de idade nestes contextos.

- | | | | |
|-----|----|-------------------------|-------------|
| (4) | a. | o teu chapéu de paião. | (A.C. 1;08) |
| | b. | o momi da fa(r)mácia. | (G. 1;08) |
| (5) | | dent(r)o do saco aqui. | (A.C. 1;08) |
| (6) | a. | esse aqui é de p(r)aia. | (A.C. 1;08) |
| | b. | esse aqui é o tio. | (G. 1;08) |

Por fim, os dados de G. trazem, nesta faixa, uma ocorrência do DP *esse aqui* em uma sentença do tipo clivada — ver (7). A variação na ocorrência da preposição *de* pode ser encontrada em contextos como (6) e (7) na gramática adulta (ver exemplos em xi na nota 1) em várias partes da sentença, mas até então, não há contrastes de variação na gramática infantil nos dados coletados. Não foi encontrada a variação observada em nenhum outro contexto e nem com outro tipo preposicionado.

- (7) a. esse aqui que é o tio. (G. 1;08)

3.2 Segundo período — até 2;12.29

Os dados de A.C deste período apresentam contraste na ocorrência da preposição *de* na posição de sujeito sem mudança aparente de significado — ver (8). Pode-se argumentar, dada a semelhança entre os dados em (8), que a preposição *de* categoricamente não existe nesse tipo de construção, ao menos inicialmente.² Todavia, a variação na ocorrência de preposições aparentemente se dá de modo sistemático, ou seja, a criança provavelmente “sabe” em quais contextos “pode” variar a ocorrência da preposição, uma vez que não há o aparecimento de variação da preposição em sentenças como em (4) e (5) e essa possibilidade é licenciada nos dados em (6) e (8):

- (8) a. esse daqui é tomate pequenininho. (A.C. 2;01)
 b. esse aqui não é olho.

Há, nos dados de A.C, ocorrência dos DPs *esse aqui* e *isso aqui* na posição de argumento interno do verbo *ter* interpretado como existencial e da locução formada com o verbo *tirar* — ver (9)-(10). G. começa a apresentar aos 2;03 os DPs *isso aí*, *isso daqui* e *aquilo ali* como argumento interno do verbo *ser* e das locuções verbais *vou botar* e *vou fazer* — ver (11).

- (9) a. é que tem esse aqui. (A.C. 2;01)
 b. tem isso aqui. (A.C. 2;03)
- (10) vou tilar isso aqui. (A.C. 2;03)
- (11) a. isso aí é uma bo(r)boleta. (G. 2;03)
 b. vou fazer com aquilo ali.
 c. eu vou botar isso daqui.
 d. esse aí é pra segular.

Assim como foi dito para os dados de A.C, os dados de G., logo acima, podem estar indicando que a possibilidade de variação da preposição nos contextos analisados está nas fases iniciais da aquisição. Resta saber, contudo, se a criança “sabe” que em quais contextos “pode” variar a presença/ausência da preposição.³

²Lopes (2016, comunicação pessoal).

³Lopes (2016, comunicação pessoal) argumenta que os dados de variação da preposição *de*, em sua interpretação, devem ser vistos com sentido partitivo, ou seja, a variação na ocorrência da preposição causa

3.3 Terceiro período — até 3;08

Os dados de A.C e G. do terceiro período continuam apresentando tipos sentenciais que trazem os DPs vistos no primeiro e no segundo períodos. Os dados de G. apresentam mais ocorrências de DPs que possibilitam variação na ocorrência de preposições — ver (13):

- (12) a. me dá essa coisa daí. (A.C 3;08)
 b. essa essa rosinha daí.
- (13) a. eu vou abrir isso daqui. (G. 3;08)
 b. com essa daqui e com essas dali.
 c. eu ia colocar isso daqui na minha boneca.

Olhando para os três períodos, nota-se que a variação da preposição *de* não está presente nos dados observados no primeiro período, ao passo que a variação dessa preposição aparece no segundo período, estando novamente ausente no terceiro período, momento em que os dados sempre aparecem com a preposição *de* encabeçando o adjunto do DP. Em paralelo, a gramática adulta mantém o licenciamento da variação na ocorrência da preposição *de* nos tipos observados em (6)-(13), considerando dados como os da nota de rodapé 1 — reescritos como (14). Não há em momento algum no corpus analisado variação da preposição *de* nos adjuntos do DP nos dados em (4)-(5).

- (14) a. Esse (d)aquí eu não gosto.
 b. Esse (d)áí é meu livro.
 c. Aquele (d)ali é meu livro.
 d. Eu não gosto desse (d)aquí.
 e. Meu livro é esse (d)áí.
 f. Meu livro é aquele (d)ali.
 g. Esse (d)aquí (que) eu não gosto.
 h. Esse (d)áí (que) é meu livro.
 i. Aquele (d)ali (que) é meu livro.
 j. Eu não gosto desse (d)aquí.
 k. Meu livro é esse (d)áí.

alteração de sentido na interpretação do DP, o que poderia levantar complicações em torno da natureza da preposição *de* em variação nos dados analisados por este trabalho. Por outro lado, as gramáticas dos autores deste texto atribuem o mesmo sentido aos dados de variação na ocorrência de preposições. Uma verificação mais completa desses dados pode sugerir uma leitura mais adequada do fenômeno, pensando na natureza das derivações desses dados e em possíveis diferenças entre a preposição *de* em variação nos contextos observados.

1. Meu livro é aquele (d)ali.

Os dados apresentados até aqui parecem apontar para dois processos distintos: o não licenciamento da variação da preposição nos dados em (4) estaria ligado à inserção tardia da preposição, na esteira de estudos como os de Avelar (2006), que defende que adjuntos adnominais preposicionados como ‘de paiaço’ em “o teu chapéu [de paiaço]” (A.C. 1;08) e ‘da farmácia’ em “o momi [da fa(r)macia]” (G. 1;08) são concatenados no DP principal via adjunção sem rótulo, ganhando sua preposição de no componente morfofonológico por motivos de Caso. A preposição inserida pós sintaticamente não estaria na derivação, não podendo ter seus traços não pronunciados, como acontece com categorias vazias inseridas na sintaxe. Já dados como (5) seriam fruto de uma arquitetura clausal que abarca categorias paralelas às identificadas no domínio sentencial. Falta agora saber de que maneira são derivadas as construções em (6)-(13) de modo a permitirem a variação na ocorrência de preposições.

4 Discussão

Os contextos que possibilitam a variação na ocorrência de preposições na gramática adulta, mais especificamente da preposição *de* parecem estar presentes desde as fases iniciais da aquisição nas crianças observadas. Inicialmente, esses contextos aparecem em DPs que portam adjuntos adnominais compostos por advérbios de base pronominal como *aqui* e *ali*, para em seguida começar a aparecer nas posições de sujeito de verbos de cópula e de argumento interno de verbos existenciais. Um indício disso é que as crianças observadas não “confundem” estruturas de DPs modificados por adjuntos adnominais, como nos dados em (4), com locuções prepositivas do tipo *dentro de*, como no dado em (5). Isso coloca em questão o pressuposto de que a preposição *de* possa ser inserida pós-sintaticamente em todos os contextos em que aparece encabeçando adjuntos, uma vez que haveria duas possibilidades de inserção da preposição, uma licenciando a variação e outra que não licenciaria essa variação. Como a criança saberia então em qual deles não poderia fazer a variação? E como essa possibilidade seria sinalizada para a morfologia?

Para responder as questões acima, sugere-se que mais dados devem ser analisados, em conjunto à aplicação de testes linguísticos de compreensão que possibilitem observar qual a interpretação que crianças dão para os dados de variação analisados, no intuito de se tentar buscar subsídios para saber se de fato há diferenças que emergem em virtude da variação e de que forma essas diferenças podem indicar a derivação das estruturas com e sem variação de preposições.

Nenhum outro tipo preposicionado foi observado como passível de variação na ocorrência de preposição, tal como *em*, *para*, etc., o que pode ter influência no não aparecimento de casos de NPs adverbiais sem cabeça tais como *(n)a semana passada*, *(n)o mês passado*, etc. (cf.

Rocha (1993)). Talvez um estudo mais apurado ou testes linguísticos de compreensão possam trazer mais evidências em torno dessa observação.

Apesar de os dados encaminharem hipóteses interessantes, não é possível afirmar com certeza se os padrões encontrados para A.C. e G. serão de fato repetidos com um grupo maior de crianças adquirindo o PB. Como já foi dito, um *corpus* mais amplo ou um estudo experimental podem melhor elucidar essa questão.

Littlefield (2004) e Alexaki, Kambanaros & Terzi (2009) argumentam que uma consequência da ideia de que preposições estão divididas pela oposição funcional *vs.* lexical seria dizer que preposições funcionais seriam mais difíceis de serem adquiridas que preposições lexicais. Ao contrário do que preveem os autores, preposições fortemente funcionais como *de* são as que se manifestam primeiro nos dados de aquisição do PB analisados. Todavia, os contextos em que a variação da preposição é licenciada na gramática adulta — ver (14) — surgem primeiramente na gramática infantil como dados em que a preposição *de* “não aparece” para depois haver o “aparecimento” da preposição. Resta saber então por qual motivo a preposição *de* aparece logo depois da consolidação da possibilidade de variação da preposição. Além disso, não é possível determinar de imediato se a preposição *de* está sendo inserida diretamente na derivação ou na morfologia. São necessários mais estudos que verifiquem a situação dessa preposição dentro das derivações analisadas.

Por fim, Schültze (2001) argumenta, para dados do inglês, que há contextos em que não haveria nenhuma possibilidade de um DP receber/checar/valorar Caso dentro das “condições normais” da derivação (*Spec-Head*, *Probe-Goal*, por exemplo), tais como em DPs coordenados, em respostas para perguntas, em pronomes modificados, etc. Em virtude disso, o autor propõe a existência de contextos em que a morfologia marca esse DP com Caso default. Apesar de Schültze (2001) não fazer previsões em torno de DPs adjuntos, este trabalho defende inicialmente que a possibilidade de variação na ocorrência de preposições pode estar atrelada de alguma maneira à possibilidade de marcação de Caso *default* dentro dos DPs em que há a variação, tal como em (11a) e (11b) - reescritos em (15), principalmente nos contextos tais como *isso aí de cima da mesa*. Contudo, essa hipótese precisa ser testada no sentido de se saber se é adequada em termos derivacionais e na leitura dos elementos no componente morfofonológico, pensando na atribuição de Caso, por exemplo. Espera-se que essa hipótese possa explicar por qual motivo alguns adjuntos não podem sofrer variação na ocorrência de preposição, como *o teu chapéu de paião* ou *moni da fa(r)mácia* (A.C. 1;08).

- (15) a. isso **aí** (marcado com default) é uma bo(r)boleta. (G. 2;03)
 b. vou fazer com aquilo **ali** (marcado com default)

5 Considerações finais

Este trabalho fez uma breve análise da variação na ocorrência de preposições no PB. Os casos de variação encontrados se limitam a contextos em que a preposição de pode aparecer ou não encabeçando elementos como *ali* e *aqui*. Foram encontrados indícios iniciais de que os contextos que licenciam a ocorrência dessa variação na gramática adulta estão presentes nos processos iniciais de aquisição desta língua. Contudo, é necessário ampliar o *corpus* e realizar testes linguísticos para verificar se essa afirmação é passível de ser sustentada, além de se averiguar se há de fato períodos distintos na aquisição do PB que possam explicar melhor os processos de variação de preposições no PB. Também deve-se buscar uma análise adequada para explicar de modo mais refinado a variação analisada.

Referências

- AVELAR, J. O. *Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2006.
- ALEXAKI, C., KAMBANAROS, M., TERZI, A. On the Acquisition of Prepositions. *Selected Papers from the 18th International Symposium on Theoretical and Applied Linguistics*. Thessaloniki: Monochromia Publishing, 2009, p. 49-58.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press: Oxford University Press, 1995.
- EMMONDS, J. The Invisible Category Principle. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 4, 1987, p. 313-32.
- KATO, M. Optional prepositions in Brazilian Portuguese. In: ARREGI, K. et al (Eds.). *Romance Linguistics. Interactions in Romance*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- KATO, M. Caso inerente, Caso default e ausência de preposições. In: SEDRINS, A. D et al (Orgs.). *Por amor à linguística*. Maceió: Editora da UFAL, 2012.
- LARSON, R. Bare NP Adverbs. *Linguistic Inquiry*, v. 16, n. 4, 1985, p. 590-595
- LITTLEFIELD, H. *Developmental Patterns in the Acquisition of Prepositions and Homophonous Adverbs and Particles*. Unpublished manuscript. Boston University, 2004.
- LITTLEFIELD, H. *Syntax and Acquisition in the Prepositional Domain: Evidence from English for Fine-Grained Syntactic Categories*. Tese de Doutorado, Boston University, 2006.
- MORENO, B. *Tough Constructions e Posição de Sujeito no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2014.
- ROCHA, M. Adjuntos sem cabeça no português do Brasil. In: CASTILHO, A. & BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do português falado*. Vol IV. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- SCHÜLTZE, C. On the nature of default case. *Syntax*, v. 4, n. 3. 2001, p. 205-238.

Squib recebido em 1 de outubro de 2016.

Squib aceito em 2 de novembro de 2016.